

Quilombo Ivaporunduva: as relações estabelecidas com o território e os significados atribuídos ao trabalho que gera renda

Márcia Cristina Américo *

Objetivo

Compreender as relações que os moradores estabelecem com o território e os significados que atribuem ao trabalho e à renda, bem como o processo educativo que se desenvolve por meio das lideranças ali estabelecidas.

Introdução

O modelo contraditório do sistema econômico, político e social de produzir a vida para sobrevivência tem gerado um novo posicionamento e ressignificação do quilombola contemporâneo a partir das transformações da sua história no decorrer dos séculos após os seus antepassados terem sido arrancados da África e deportados para o Brasil. Por razões históricas e contemporâneas, as comunidades tradicionais do Vale do Ribeira são vítimas de um persistente e perverso ciclo vicioso de abandono, exclusão, pobreza e baixíssimos níveis de acesso aos bens culturais e materiais.

Com Índices de Desenvolvimento Humano entre os mais baixos do Brasil, e comparáveis somente a algumas regiões críticas do nordeste brasileiro ou da África, o Vale do Ribeira é citado duas vezes na lista dos 60 Territórios da Cidadania – regiões críticas de pobreza eleitas pelo Governo Federal como prioritárias para programas e investimentos de desenvolvimento socioeconômico. Faltam iniciativas capazes de interromper o ciclo vicioso e iniciar um ciclo de ações de desenvolvimento social, cultural, político e econômico para a população dessas comunidades.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Ciências Humanas, UNIMEP, Campus Taquaral de Piracicaba/SP – Núcleo de Práticas Educativas e Processos de Interação. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq.

Na vivência com as Comunidades Tradicionais Quilombolas do Vale do Ribeira, em especial no Quilombo do Ivaporunduva, participei e observei importantes discussões, decisões e ações coletivas no que diz respeito aos conflitos e estratégias dos quilombolas para a sobrevivência. Avanços no desenvolvimento socioeconômico têm se estendido no decorrer dos séculos, mostrando um processo de conscientização, autovalorização e de reposicionamento do negro quilombola na sociedade brasileira, segundo Moura, não mais como “coisa”, “produto a ser explorado”, mas como “ser”, criando estratégias e atitudes de negação ao sistema que os exclui.¹

O Vale do Ribeira está localizado entre a região sul do Estado de São Paulo e norte do Estado do Paraná. O acesso à região é pela Rodovia Régis Bittercourt (BR-116). Abrangendo a Bacia Hidrográfica do Rio Ribeira de Iguape e o complexo Esturino Lagunar de Iguape-Cananeia-Paranaguá, está subdividido em: Alto, Médio e Baixo Ribeira, em uma área de 2.830.666 hectares, com 481.224 habitantes. É uma região com imenso valor cultural e ambiental, devido a seus recursos naturais. É habitado por pequenos agricultores familiares e comunidades indígenas, caçaras e quilombolas.

Na região, existem 57 comunidades quilombolas, considerado o maior número do Estado de São Paulo. A formação dessas comunidades teve origem com a exploração de minérios no século XVII. Com o declínio da exploração da mineração na região, no século XVIII, os fazendeiros brancos abandonaram suas terras no Vale do Ribeira e os quilombolas se apropriaram da terra, conseguindo manter seus laços históricos e de parentesco com as comunidades vizinhas da região de Eldorado e Iporanga.

Antes da abolição da escravatura, em 1888, as comunidades quilombolas já viviam livres. “Ivaporunduva é a comunidade mais antiga do Vale do Ribeira, anterior até a fundação de Eldorado e da qual originou outras comunidades como: o quilombo de São Pedro, Pilões, Maria Rosa, Nhunguara”.²

Silva, morador da comunidade, define o Quilombo como: “[...] uma comunidade rural composta por 80 famílias e uma população estimada de 300 pessoas. [...] Alguns registros citam a origem de Ivaporunduva ainda no século XVI”.³

O quilombo Ivaporunduva localiza-se na região do Médio Ribeira, na rodovia SP 165, que liga Eldorado a Iporanga, ocupando uma área de 2.800

¹ MOURA, Clóvis. *História do negro brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 24.

² INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Agenda Socioambiental de Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira*. São Paulo: ISA, 2008. p. 93.

³ SILVA, da Laudessandro Marinho da. *Proposta de implantação do cooperativismo para venda de produtos orgânicos no quilombo Ivaporunduva*. Trabalho de Conclusão (Administração de Empresas) – Universidade São Francisco, Itatiba, 2008. p. 10.

hectares no município de Eldorado no Estado de São Paulo, e encontra-se a 55 km do centro do município, à margem esquerda do rio Ribeira de Iguape que o separa da rodovia. A travessia do rio Ribeira de Iguape pode ser feita por pedestres por meio de barco a motor ou pela balsa. A balsa é utilizada para travessia também de veículos a três km da vila, próximo ao quilombo Galvão.

O Vale do Ribeira, vítima de um histórico vicioso de subdesenvolvimento e pobreza, em decorrência da exploração dos seus recursos naturais e da força do trabalho dos africanos escravizados, passa por um crítico dilema entre desenvolvimento e preservação do patrimônio natural, um pesado modelo conservador-tradicional no qual as forças se organizam de forma bipolar e se enfrentam de maneira antagônica, tais como: urbano x rural, desenvolvimento econômico x preservação ambiental, fazendeiros x ambientalistas, e ainda tem sofrido com o projeto de construção de barragens ao longo do rio Ribeira de Iguape.⁴ Segundo o Instituto Socioambiental (ISA), na década de noventa do século XX, o Governo Federal aprovou o estudo de inventário hidrelétrico que prevê a construção de quatro barragens, Tijuco Alto, Funil, Itaoca e Batatal, com o objetivo de geração de energia. Com as construções das barragens, aproximadamente 11 mil hectares de área serão inundados, e o desaparecimento das cavernas, unidades de conservação, cidades, terras de quilombos e pequenos agricultores serão inevitáveis.

A experiência de expropriação da terra vivenciada pelas comunidades gera concomitantemente o êxodo rural para os grandes centros urbanos; o enfraquecimento dos meios de produção (agricultura familiar e de subsistência) em função de empreendimentos da usina para geração de riqueza a partir de energia, desconsiderando o trabalho como princípio de meio de produção da vida, bem como a preservação socioambiental, cultural, econômica e política. Para Gehlen, “a expropriação dos camponeses significa igualmente a expropriação de seu saber, do exercício de sua profissão, de sua gestão, de sua cultura, de seus valores de referência, de suas relações afetivas”.⁵

Muitas regiões do Brasil têm vivenciado o problema da expropriação de terras para dar lugar às barragens. As comunidades quilombolas da região têm se manifestado contra a construção das barragens ao longo de vinte anos, o que podemos identificar no relato de um dos líderes quilombolas (Quilombo Ivaporunduva):

⁴ A Usina Hidrelétrica de Tijuco Alto (UHE Tijuco Alto) é um empreendimento planejado pela Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), uma das empresas do Grupo Votorantim, para aumentar a oferta de energia elétrica para seu complexo metalúrgico localizado na cidade de Alumínio, antiga Mairinque, no interior de São Paulo. A localização da UHE Tijuco Alto está prevista para o alto curso do rio Ribeira de Iguape, na divisa dos Estados de São Paulo e Paraná, cerca de 10 quilômetros a montante da cidade de Ribeira (SP) e Adrianópolis (PR), e a aproximadamente 333 km de sua foz, no complexo Estuarino-Lagunar de Iguape-Cananeia-Paranaguá.

⁵ GEHLEN *apud* PESSOA, J. de M. Aprender e ensinar no cotidiano de assentados rurais em Goiás. *Revista Brasileira de Educação*, n. 10, p. 79-89, 1999. p. 80.

Essa barragem é pra nós um grande crime, isso é uma coisa que não devia acontecer, simplesmente nós estamos correndo este risco, e lutando há mais de vinte anos contra essa barragem. Nosso objetivo é impedir esta barragem, porque se ela acontecer, muitas comunidades quilombolas vão desaparecer porque, se fizer essa primeira *barragem* lá, pode fazer as outras, afinal são quatro projetos. Fazendo as quatro, todas as comunidades vão desaparecer e, no nosso ponto de entender, vai violar um patrimônio brasileiro que são os quilombos. Também não vai ser respeitada a Constituição Federal, os artigos 215, 216 e 68,⁶ que garantem nossos direitos. O Quarto poder não pode passar por cima deles, e os governos, tanto o federal, o estadual como o municipal não estão fazendo nada para que isso não aconteça. E continuaremos na luta por causa disso.⁷

A luta e a resistência quilombola se dão na articulação política que consiste no legado dos líderes quilombolas e dos moradores de quilombos à população mais jovem. É perceptível na vida da comunidade a articulação política que faz parte do cotidiano da comunidade quilombola. Para Denildo Rodrigues, liderança jovem quilombola do Movimento de Atingidos por Barragens (MAB),

Nós não somos contra gerar energia, mas nós temos que perguntar energia pra quê? Nosso povo vai ser beneficiado por essa energia? Quem vai ser beneficiado por essa energia? [...] nós aqui no Vale do Ribeira a vinte anos tamo questionando, tamo lutando, já ocupamo o prédio da Votorantim, já ocupamo o IBAMA em São Paulo, já ocupamo o Ministério Minas Energia em Brasileira, já ocupamo vários canteiro de obra de usinas hidrelétrica pra reparação tanto dos atingido que já perderam suas terras, e que até hoje. Nós somos contra essa forma de gerar energia, nós não somos contra em gerar energia, mas assim, nós somos contra essa energia que vai ser construída vai ser gerada na idéia de Tijuco Alto, ela é uma energia duma empresa chamada CBA-Companhia Brasileira de Alumínio, do Grupo Votorantim de Erminio de Moraes, esta energia gerada dessa empresa, não vai acender uma lâmpada pra ninguém, vai se gerada energia pra produzi alumínio pra competir no mercado internacional.⁸

⁶ Transcrição dos Artigos mencionados: 68, 215 e 216 da Constituição Federal de 1988 – ADCT, no Art. 68: “Aos Remanescentes das Comunidades dos Quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado, emitir-lhes os respectivos títulos”. Garantindo também os direitos culturais, definindo como responsabilidade do Estado a proteção das “manifestações das culturas populares, indígenas e afrodescendentes”. O Art. 215, CF/88, “o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”.

O Art. 216, CF/88, “Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos”. Representando neste sentido, o avanço na História do país, no que se refere aos aspectos de reconhecimento dos direitos culturais (Art. 215 e 216) e direitos fundiários (Art. 68).

⁷ BENEDITO ALVES *apud* INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Campanha contra barragem no Ribeira*. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/inst/camp/Ribeira/energia>>. Acesso em: 22 mar. 2010.

⁸ RODRIGUES, Denildo. Diálogo realizado em 16 jan. 2010 no Quilombo Ivaporunduva.

Articulação esta no espaço da igreja através de reuniões e informativos sobre os encaminhamentos de titulações de terras de quilombos e projetos que abordam: saúde, educação, produção e comércio das bananas para o desenvolvimento local. Acontece uma participação ativa da comunidade quilombola desde crianças, adultos e idosos nas manifestações contra barragens; no ingresso de líder quilombola na carreira política como vereador, entre outras ações que legitimam a politização de quilombolas no enfrentamento às posições contrárias que se levantam para impedir a legalização de suas terras, bem como a preservação da identidade cultural quilombola, que está intimamente ligada à agricultura familiar. Para José Rodrigues, líder quilombola,

[...] não somos bem reconhecidos pela sociedade como um povo que tem o mesmo direito que todo mundo tem. Nós lutamos por vários seguimentos. O nosso povo tem uma luta em todos os sentidos, os privilégios que conseguimos foram com muita luta, então, acho que a questão política é aprendida através da luta. Nosso povo aprende a lutar por seus objetivos desde cedo. Os jovens quilombolas por si só já tem a formação política, que é uma das mais fortes culturas em nossa comunidade, por que a luta do nosso povo é por educação, saúde, moradia, terra. Dentro dessas lutas, nós mais velhos, vamos trabalhando e os mais jovens vão continuando, vão aprendendo a questão política, por que tudo depende da política. A questão da formação política é ensinada e aprendida na caminhada dos jovens juntos com os mais velhos.⁹

Os relatos dos líderes Benedito Alves, José Rodrigues e Denildo Rodrigues apontam denúncias contra a negação do direito a terra na medida em que as construções de barragens tornariam inviável a garantia do direito constitucional de quilombolas, indígenas e caiçaras à permanência em suas terras, desconsiderando que a preservação ambiental se dá em função dessas comunidades agro-florestais que não apenas subsistem da terra, mas a preservam.

As lideranças quilombolas, bem como suas comunidades, reconhecem a necessidade de desenvolvimento da região do Vale, mas sua articulação política caminha no sentido de que não haja apenas um desenvolvimento econômico que privilegie àqueles que têm interesse na construção de barragens em detrimento da cultura, do meio ambiente, da sustentabilidade e, sobretudo, do direito constitucional que responsabiliza o Estado pela proteção às manifestações culturais populares.

⁹ RODRIGUES *apud* AMÉRICO, Tânia Aparecida. *Cultura e Educação na Comunidade do Quilombo Ivaporunduva no Vale do Ribeira*. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2008. p. 47.

Metodologia

Não é simplesmente olhar, mas destacar aspectos do que se olha, prestar atenção para captar as contradições, as relações – o movimento, portanto, de acordo com os objetivos da pesquisa. Parece-me que somente dessa forma é que posso compreender a dinâmica familiar quilombola e a relação mantida com a educação, trabalho e renda nas relações sociais concretas.

A convivência na comunidade possibilita o desenvolvimento das anotações em caderno de campo e entrevistas com as lideranças da comunidade, famílias e jovens, políticos e instituições que têm projetos de intervenção e geração de renda na comunidade, para identificar a) as relações políticas, econômicas e sociais na qual a população quilombola está inserida; b) as formas como se relacionam a comunidade e instituições que geram trabalho e renda e c) os mecanismos que possam estar interferindo no desenvolvimento social, político e econômico da comunidade.

As transcrições das entrevistas dos quilombolas se mantiveram com os nomes originais, uma vez obtida a autorização para divulgação. As transcrições foram mantidas na íntegra, inclusive com os problemas relacionados à norma culta da Língua Portuguesa. Foram entrevistadas lideranças do quilombo Ivaporunduva: Benedito Alves, Vice Presidente do Comitê de Bacia Geográfica do Rio Ribeira de Iguape, representantes do MAB e do Comitê Nacional Quilombola, José Rodrigues – Vereador Municipal de Eldorado-SP e Representante do MAB e do Comitê Nacional Quilombo e Denildo Rodrigues – representante da direção do MAB e do Comitê Nacional Quilombo.

Manter um contato regular com essa comunidade aproxima minha pesquisa de um trabalho antropológico, de cunho etnográfico. Trata-se da observação participante, definida principalmente pelo antropólogo Bronislaw Malinowski como sendo “a convivência íntima e prolongada do pesquisador com seus informantes nativos”. O que faço é acompanhar de perto suas atividades, absorver valores e sentimentos, observando, registrado e videogravando o que fazem e dizem, em uma atitude que pretende ser de “despojamento e inserção”, como propõe Malinowski. Em sua obra *Nos bastidores da pesquisa de campo*, Vagner Gonçalves da Silva esclarece que “na antropologia brasileira, o fato de os antropólogos pesquisarem grupos pertencentes a sua própria sociedade coloca questões específicas para a relação entre pesquisador e pesquisado, pois se, por um lado, ‘pesquisamos a nós mesmos’, por outro, não se pode esquecer a distância que

muitas vezes separa as camadas intelectualizadas dos grupos socialmente excluídos que a antropologia tem estudado: índios, negros, populações rurais”.¹⁰

Resultados

O trabalho predominante no Quilombo Ivaporunduva é a agricultura de subsistência. A principal atividade econômica e fonte de renda da comunidade é a produção de banana orgânica. O artesanato, o turismo, o manejo florestal e a fábrica de banana ainda em construção são outras fortes fontes de renda dentro do quilombo Ivaporunduva. Essas atividades são projetos da associação do quilombo Ivaporunduva junto com entidades governamentais, não governamentais e empresas privadas. Outras formas de geração de renda são advindas dos programas do governo tais como: Bolsa-Família, Renda-Cidadã, Pensão e Aposentadoria, e outros setores da prefeitura municipal que são responsáveis por empregar funcionários públicos nas áreas: administrativa, do transporte, dos serviços gerais, educação, etc.

A comunidade está em um momento de transição frente às expectativas no que se refere às possibilidades de acesso aos bens comuns, o que implica um movimento de transitoriedade em busca de emprego visto que o trabalho da agricultura familiar não tem gerado renda suficiente para atender as demandas básicas de consumo. As evidências apontam para a falta de acesso aos bens materiais e culturais em decorrência da exclusão que as comunidades estão inseridas na lógica do sistema capitalista. Por outro lado, o sistema que está disponível para atender as comunidades é contraditório, pois a população depende totalmente dos órgãos públicos que são: o Estado e a Prefeitura Municipal; essas duas instituições são as geradoras de empregos e prestadoras de serviços nas áreas da saúde, educação e transporte. A influência do poder público local é marcante, tem fortes resquícios do coronelismo, também chamado caciquismo,¹¹ em que ainda nos deparamos com situações como a sonegação de socorro e assistência médica às pessoas de partidos políticos opostos dos governantes locais entre outras coisas. Existe uma inter-relação de dependência de programas assistencialistas financiados pelo Governo, projetos de ONG's e mesmo Universidades que ocorrem simultaneamente entre instituições e as comunidades quilombolas. As comunidades têm sido peça estratégica para a captação de recurso, para a pesquisa ou para estudos acadêmicos em que o cerne do objetivo dos projetos é a geração de renda para a comunidade.

¹⁰ SILVA, Vagner Gonçalves da. Nos Bastidores da Pesquisa de Campo. In: NÚCLEO DE ANTROPOLOGIA URBANA DA USP. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/ResenhasUmdiariosentidoestrito.html>>. Acesso em: 16 mar. 2010.

¹¹ Esse fenômeno é a personificação mais acabada do poder privado no Brasil. Surgido em 1831, com a criação da Guarda Nacional no Brasil, é identificado com o Brasil do passado agrário, rústico e arcaico, mas ainda sobrevive em certos Estados do Nordeste como o poderoso “mandão local” é ele que compra terras, emprega pessoas, abusa sexualmente de menores, tem amantes em outros locais e domina o poder local a mão de ferro.

A forma de organização dos quilombolas que podemos apreender através da história e dos conflitos por nós captados na convivência com essa comunidade diz respeito às relações sociais construídas. Para o pensamento marxista, esta materialidade histórica pode ser compreendida a partir das análises empreendidas sobre uma categoria considerada central: o trabalho, como atividade vital – tipo de atividade exercida, ou seja, a atividade pela qual a sobrevivência é garantida.

As ações das lideranças quilombolas é pela inserção dos jovens quilombolas no ensino superior e cursos profissionalizantes para se apropriarem dos avanços tecnológicos na área de ensino, pesquisa, informática, formação de lideranças quilombolas nas diversas áreas, com o objetivo de encerrar um ciclo que gera dependência de programas assistencialistas e de projetos de ONG's e, mesmo, de universidades que têm utilizado as comunidades quilombolas apenas como peças estratégicas para captação de recurso, para pesquisa ou para estudos acadêmicos. Muitos dos projetos pontuais não atendiam/atendem às necessidades das comunidades e reforçam a dependência por falta de formação da população para pensar e defender os seus próprios interesses de desenvolvimento local. Para isso,

Um primeiro pressuposto de toda existência humana e, portanto, de toda história [...] [é] que os homens devem estar em condições de poder viver a fim de “fazer a história”. Mas, para viver, é necessário, antes de mais nada, beber, comer, ter um teto onde se abrigar, vestir-se etc. O primeiro fato histórico é, pois, a produção dos meios que permitem satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material; trata-se de um fato histórico; de uma condição fundamental de toda a história, que é necessário, tanto hoje como há milhares de anos, executar, dia a dia, hora a hora, a fim de manter os homens vivos.¹²

A contribuição do Método na tarefa de compreender o modo como os quilombolas dessa comunidade ressignificam as suas relações com o trabalho e a renda nas condições concretas de vida social, bem como suas ações e práticas educativas para o desenvolvimento local, diz respeito à necessidade lógica de descobrir, nos fenômenos, a categoria mais simples (o empírico) para chegar à categoria síntese de múltiplas determinações (concreto pensado). Significa que é possível, partindo das mais simples manifestações, debruçarmo-nos sobre elas e elaborarmos abstrações.

Considerações

De acordo com Triviños, para o pesquisador que segue uma linha teórica do materialismo histórico e dialético, existe uma realidade objetiva e a consciência é resultado dela,¹³ caracterizando a vida dessa comunidade, sua evolução histórica e as práticas sociais – captando e organizando os dados sobre a história da

¹² MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Lisboa: Presente/Martins Fontes, 1976. p. 33.

¹³ TRIVIÑOS, A. S. Marxismo, materialismo dialético e materialismo histórico – idéias básicas. In: TRIVIÑOS, A. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987. p. 49-53.

organização social/territorial desse quilombo; os significados que as pessoas da comunidade dão às relações de trabalho e renda, nas condições concretas de vida social, bem como captar indícios das ações que os levam ao processo educativo que se desenvolve por meio das lideranças ali estabelecidas.

[...] Nós temos várias fonte de geração de renda, agricultura de subsistência aquilo que a gente pranta pro próprio consumo, mas também levando em consideração porque se nós fosse pensar simplesmente puramente na questão do dinheiro não na questão da agregação do valor aos seus produto toda essa mata que agente vê aqui taria tudo no chão, ou plantado eucalipto, ou prantado pinos, outra monocultura que dá dinheiro, mas nós não queremos isso, o que nós queremos é conciliar o desenvolvimento humano e com a preservação ambiental, nós não queremos dinheiro pra nós se... nós queremos condições pra nós dá aquilo que o Ditão falou, dá estudo pros nossos jovens, dá oportnidade pro nossos jovens pra eles tá formando na cidade e voltando pra comunidade pra contribuir cada vez mais, não só com desenvolvimento da nossa comunidade mas tamém com o desenvolvimento das outras comunidades em volta. Isso é importante.¹⁴

A comunidade quilombo Ivaporunduva tem preservado parte da cultura trazida pelos africanos escravizados para essa região. Com eles, veio o conhecimento das ervas utilizadas em remédios, vasilha de barro ou madeira, a taipa (fogão a lenha), simpatias, reza do responso¹⁵ – bastante respeitada pelos membros da comunidade; mutirão, a roça, objetos como pilão, a gamela e casa de pau-a-pique com o chão de barro socado e cobertura de sapé. Para o líder quilombola, a casa de pau-a-pique é uma das mais originais da cultura africana:

O negro quando fugiu do trabalho escravo ele fez a casa de pau-a-pique por que foi o que ele achou disponível, a madeira, o barro, o cipó, o capim, isso aí é uma arquitetura que ele já trouxe de lá pra cá e tem até hoje.¹⁶

O legado dos líderes quilombolas e da comunidade de quilombos são as ações políticas de caráter educacional que se manifestam no enfrentamento em defesa ao território para manutenção da vida e na efetiva participação junto aos membros da comunidade. Tal politização é expressa na coletividade, compreendendo crianças, jovens e idosos, no sentido de legitimar e garantir o direito constitucional da titulação da terra de quilombos, que são, desde sua origem, símbolo de resistência e uma das características da Identidade Quilombola.

¹⁴ RODRIGUES, 2010.

¹⁵ Trata-se de uma oração feita por uma pessoa indicada, dotada do dom, a favor de alguém que perdeu algum objeto. Após a realização da reza é só aguardar os dias determinado pelo orador que o objeto aparece no exato lugar de onde sumiu, mas tudo depende da fé da pessoa a ser favorecida.

¹⁶ SILVA, Benedito Alves da. Diálogo realizado em 16 jan. 2010 no Quilombo Ivaporunduva.

Quilombo Ivaporunduva: as relações estabelecidas com o território e os significados atribuídos ao trabalho que gera renda

Resumo

O presente artigo pretende apontar os resultados parciais da pesquisa em andamento do curso do mestrado em educação sobre as relações existentes entre educação, trabalho e renda para o desenvolvimento humano, focando a realidade de uma comunidade negra, o Quilombo Ivaporunduva, localizada na região do Vale do Ribeira, município de Eldorado, no Estado de São Paulo. A população quilombola está inserida num contexto rural, nas condições de subdesenvolvimento, no que diz respeito ao acesso/ou dificuldade de acesso aos bens culturais e materiais. Com uma história de vida constituída pela/na escravidão, tem vivenciado os entraves políticos atrelados aos seus direitos fundamentados na Constituição Federal, os Art. 215, 216 e 68, que garante a posse das terras, porém, tem enfrentado o problema da expropriação de terras para dar lugar às barragens. A presença e participação na comunidade aproximam nossa pesquisa de um trabalho antropológico, de cunho etnográfico e bibliográfico. As observações e entrevistas a membros de comunidades quilombolas devem possibilitar a análise da significação e ressignificação dos fatos históricos que constituíram a comunidade, com o objetivo de compreender as condições e transformações socioeconômicas que ocorreram e ocorrem. Buscamos compreender os mecanismos que interferem no desenvolvimento social, político e econômico e as tentativas e caminhos de superação percorridos nas condições concretas de vida social da população. Tais caminhos constituem movimentos sociais e desenvolvem ações políticas relacionadas às perspectivas de garantir a formação das comunidades, para a efetivação de uma educação emancipatória e libertária contra o processo de construção do modo capitalista de produção.

Palavras-chave:

Educação. Trabalho e Renda. Quilombo Ivaporunduva.

Quilombo Ivaporunduva: the established relationships with the territory and the meanings attributed to the work that generates income

Abstract

The present article intends to point the partial results of the research in process of the course of master's degree in education on the existent relationships among education, work and income for human development, focusing a black community's reality, the Quilombo Ivaporunduva, located in the area of the valley of Ribeira, municipal district of Eldorado, in the State of São Paulo. The quilombola population is inserted in a rural context in underdevelopment conditions concerning the access or the access difficulty to cultural and material goods. With a life history constituted by or on slavery, it has been living the political impediments harnessed to the rights based in the Federal Constitution, Art. 215, 216 and 68, which guarantees the ownership of lands however it has been facing the problem of the expropriation of lands to place dams. The presence and participation in the community approximate our research of an anthropological study of ethnographical and bibliographical emphasis. The observations and interviews of members of quilombolas communities should make possible the analysis of the significance and re-significance of historical facts that constituted the community with the objective of understanding the conditions and socioeconomic transformations that happened and are happening. We try to understand the mechanisms that interfere in the social political and economical development and the attempts and overcoming paths traveled in real conditions of the social life of the population. Such paths constitute social movements and develop political actions related to the perspectives of guaranteeing the communities' formation in order to accomplish an emancipatory and libertarian education against the building process of the capitalist way of production.

Keywords:

Education. Work and Income. Quilombo Ivaporunduva.

[Recebido em: maio 2010 e
aceito em: julho 2010]